

I

Aqui ficou

na juventude foi modelo
da aula de desenho pela segunda metade dos anos vinte —

a beleza do meu corpo desejaram mestres e alunos;
alguns possuíram essa impressão lasciva —

lápiz, tinta-da-china e uma ou outra cor
prenderam à folha de papel.

A volúpia levava-nos para o primeiro quarto disponível nas
proximidades do Largo da Biblioteca — do meu bolso saiu
muitas vezes a moeda do aluguer,

pois quase todos eram

tão pobres como eu. Queriam ultimar o traço dos meus músculos, a
sombra do sexo que esboçaram

a carvão, a neblina de um olhar ausente — o meu —

quando, por instantes, descia sobre as suas mãos; riscavam e
sofriam a quimera do meu corpo.

O abuso gastou-me; a noite, o álcool, a sífilis
depressa progrediu; a morte desenhou-me de modo mais fiel:
esquiço sobre um torso e membros na grande folha dos cadernos.
Não interessa o meu nome

nem as palavras que diziam, brutais, quando em grupo
passavam por

mim nos velhos corredores depois da aula; mas entre os estudantes
sempre um ou outro tentava levar a prova de estátua que
eu representava para bem dentro de inquieto, juvenil desejo.

Por esses anos de vinte e seis ou vinte e sete — não peçam
datas precisas a

quem na sensualidade se perdeu — uma rapariguinha surgiu;
 única
 aluna de um curso masculino. Curiosa cabeça de pássaro
 semelhante ao vivo som de um cravo
 que viesse do mais fundo, espectral convento.
 O traço do seu desenho
 sobre a palidez do meu corpo, esfumado tempo de bronze
 insinuou nas minhas pálpebras uma paisagem estival. À agilidade
 das pernas e
 aos meus braços deu afabilidade
 disse
 que parecia um cisne em lago de nenúfares,
 em campo rasgado de madressilva e escarlata pimpinela;
 outra flor ainda nomeou; perdi-lhe o nome; deste lado da morte
 reconheço o
 roxo da sua cor. Foi, o seu desenho, o
 mais sentido retrato; deu-me cabelo revoltado, barba de dois ou
 três dias.
 Quando desciam os dedos ágeis à veloz mancha do sexo,
 os lábios sorriam e descobria o que se destaca de
 um maciço de folhas de loureiro.

Nunca saberei se em algum dia os seus escuros olhos de ave
 descirão sobre esta pedra tumular e se as palavras que lhe
 gravaram

*Aqui repousa um corpo masculino
 que foi modelo de aula de desenho
 1900 – 1930*

virão a irromper numa pintura sua — complicado
 fundo de cúpulas, naves, palácios, conventual biblioteca em fogo
 velhíssima ponte onde caminham coloridas silhuetas — então
 merecerei esta sepultura, a última noite e a embriaguez de um
 corpo.



II

Por inteiro, o rosto. Frontal. Lábios. Por inteiro a
simetria. As órbitas. O cinza que restou aos olhos;
terão sido azuis
de um olhar claro e frio; fácil, o desenhar-lhe uma
testa alta e límpida. Uma bela figura —
 imagino-o nas trincheiras da primeira guerra, no gueto
dos portugueses,
na frente da batalha; sozinho e vigilante de si mesmo
e logo aterrado
pelo vazio do combate e o vento tão frio do inverno

terá ouvido o nenhum ruído de mil passos inimigos sobre a neve
 foi o som que conquistou
sob o capacete de metal; pobre. A vida concedeu-lhe
dez anos sobre a data do armistício. Não terá
esquecido nunca
a lúgubre companhia maltrapilha, sob a
voz de um pálido tenente. Quantas vezes
caminhou por cima de cadáveres; agora
era ele o cadáver na mesa de anatomia. O grosso lábio
encerra uma palavra; e se atentarmos bem
lágrimas brilham nos cílios. Só ele sabe — e não o
dirá jamais — se em algum momento passou entre
os prisioneiros alemães
e o julgaram, ao passar, um anjo do deus de Israel.

